



Comissão
Europeia



Que divertida é a quinta!

Agricultura e
Desenvolvimento
Rural

***Europe Direct é um serviço que responde
às suas perguntas sobre a União Europeia***

Linha telefónica gratuita (*):

00 800 6 7 8 9 10 11

(*) As informações prestadas são gratuitas, tal como a maior parte das chamadas, embora alguns operadores, cabinas telefónicas ou hotéis as possam cobrar.

Estão disponíveis mais informações sobre a União Europeia na Internet,
via servidor Europa (<http://europa.eu>)

Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2014

ISBN 978-92-79-37350-3

doi:10.2762/3817

© União Europeia, 2014

Reprodução autorizada mediante indicação da fonte

Illustrations : Véronique Hariga — www.hariga.be

Printed in Belgium

IMPRESSO EM PAPEL RECICLADO



Que divertida é a quinta!



Sentado no comboio, Nicolau observa os campos e as árvores que desfilam pela janela. Estamos no início da primavera e, por entre as árvores nuas, consegue avistar, de vez em quando, o rio no fundo do vale. O Nicolau e os pais vão a caminho da quinta dos tios e da prima Ema. A última vez que lá esteve era pequeno e já não se lembra quase nada dessa visita.

Porém, reconhece a Ema e os tios que os esperam na estação de caminho de ferro da aldeia. As duas famílias cumprimentam-se. «Que alegria rever vos!». «Estamos tão satisfeitos por todos terem podido vir», dizem os adultos. O Nicolau e a Ema olham-se timidamente.



Mas a timidez não perdura. Quando chegam a casa, já estão a falar dos brinquedos, da escola, dos amigos e dos animais domésticos. «Eu não tenho nenhum animal doméstico», afirma a Ema ao sair do carro. «Temos uma cadela, a Faísca, mas ela não é um animal doméstico. É um cão-pastor. Ajuda a cuidar das ovelhas e dos carneiros. Se algum se perde, ela encontra-o e trá-lo de volta. E, de qualquer modo, temos muitos animais na quinta».

A Faísca, que estivera sentada no pátio, avança para observar melhor. Fareja os recém-chegados e abana a cauda. Até deixa o Nicolau afagá-la.



«Tenho a certeza de que, depois da viagem que fizeste, estás com fome», diz a tia Maria ao Nicolau. «Come uma maçã, para já. Mais logo vamos ter ovos, leite, queijo e pão. Toda a comida vem da quinta».

Enquanto comem, o Nicolau sente o vento cada vez mais forte lá fora. Já escureceu. «Vamos ter uma tempestade esta noite», afirma o tio Chico. «Algumas ovelhas ainda estão prenhes. Se os cordeiros nascerem esta noite, poderão necessitar de ajuda».

Uma hora mais tarde o vento transformou-se num vendaval. O tio Chico e o pai do Nicolau calçam umas enormes botas e vestem uns casacos grossos. Abalam em visita ao rebanho com um trator e um reboque.

O Nicolau e a Ema poderão ficar a pé até os pais chegarem. Avistam as luzes do trator, quando este para à porta do celeiro. Põem os casacos e os cachecóis e desatam a correr. Enquanto isto, os dois homens colocaram uma mãe ovelha e dois cordeiros pequeninos num redil com montes de palha seca.

«A Faísca encontrou a ovelha e os dois cordeiros num ponto afastado de um campo», explicou o tio Chico aos miúdos. «Os cordeiros eram tão pequenos e frágeis que teriam morrido se ela não os tivesse avistado. Agora podem descansar no celeiro, que está bem quente e seco, até serem suficientemente fortes para voltarem para o campo».



A manhã seguinte apresenta-se luminosa e solarenga. A tempestade acabou. O Nicolau sai de casa. Avista galinhas no campo ao lado. A Ema e a mãe levam um balde de milho para lhes dar. «As nossas galinhas vivem cá fora», afirma a Ema. «Não as criamos num galinheiro e elas vivem felizes ao ar livre. Só as recolhemos à noite ou para porem ovos».





O tio Chico está na horta. Está a plantar cenouras, feijões, alfaces, pepinos, couves flores, aipos, pimentos, espinafres, rabanetes, alhos franceses e cebolas, colocando-os em fileiras. «Podemos ajudar?», perguntam os miúdos. Não tarda muito a arranjamem que fazer. O tio Chico faz buracos na terra fofa e escura. A Ema atira uma semente para cada um dos buracos e o Nicolau enche-os de terra fresca e enterra as sementes.

«Se voltares nas próximas férias, poderás comer uma grande parte daquilo que plantaste hoje», diz o tio Chico ao Nicolau. «Quem me dera», responde o Nicolau. «Vou perguntar aos meus pais quando podemos voltar».



O dia seguinte é de grande atividade para o Nicolau e a Ema. É a data em que o Nicolau e os pais regressam a casa, na cidade. Mas antes ainda há muito que fazer.

Levantam-se cedo para ajudarem a trazer as vacas do campo para serem mungidas. O leite é recolhido por um camião, que o transporta para a leitaria. «Na leitaria», explica o tio Chico, «o leite é colocado em garrafas e em pacotes e enviado para as lojas e os supermercados onde as pessoas o compram. Uma parte é entregue nas escolas para consumo das crianças», continua, «e a tia Maria guarda algum para fazer gelados, queijos e iogurtes».





Em seguida, os miúdos vão para o celeiro. Os cordeiros tomaram o leite materno e já parecem mais fortes. A Ema e o Nicolau afagam-nos. «Já vão sendo horas de regressarem com a mãe ao campo, para junto dos outros animais», afirma o tio Chico.

«Também posso ir?», pergunta o Nicolau. «Não tens tempo», responde o pai. «Temos de ir para a estação para apanhar o comboio».

«Vou dizer-te uma coisa», declara o tio Chico. «Vou tirar uma fotografia à Ema, quando ela voltar a levar os cordeiros para o campo, e envio-ta pela Internet. Estará à tua espera quando chegares a casa. Embora vivamos no campo, agora também temos Internet, como as pessoas que vivem na cidade».

«E temos Internet e computadores na escola», afirma a Ema, «com montes de jogos didáticos»

É Verão. Começaram as férias grandes. O Nicolau está entusiasmadíssimo. Chegou a altura de visitar outra vez a Ema e os pais. Quando saem do comboio, deparam com o mercado agrícola. O tio Chico explica ao Nicolau: «Para além de abastecermos as lojas e os restaurantes das cidades, também vendemos no nosso próprio mercado. Há muito gente que vem para comprar».



O mercado é uma mescla de cores, cheiros e ruídos. Veem-se todos os tipos de hortaliças: vermelhas, amarelas, castanhas, pretas, verdes, cor-de-rosa e brancas. «Quantas hortaliças conheces pelo nome?», pergunta o tio Chico.

Os ovos estão empilhados em pequenas pirâmides. Os queijos surgem ao lado dos iogurtes, das manteigas e das natas. O óleo de girassol e o azeite são vendidos em garrafas e latas. Suspensas nos toldos das barracas veem-se alfazema perfumada e outras ervas aromáticas. Certos apicultores vendem potes de mel.



Na quinta, a Ema mostra ao Nicolau as hortaliças que ele ajudou a plantar da última vez. As plantas estão carregadas de hortaliças maduras. As couves-flores quase chegam à cintura do Nicolau. «Nós comemos muitas hortaliças», afirma a Ema. «Toda a gente deveria fazê-lo. É bom para a saúde». A Ema arranca dois tomates que entrega ao Nicolau. São maiores do que bolas de ténis. «Mmm, são tão doces!», exclama o Nicolau.



Os miúdos vão visitar o rebanho. A Ema explica ao Nicolau que os cordeiros foram todos vendidos a outro agricultor. Avistam a Faísca, que está atarefadíssima. Traz as ovelhas e os carneiros, um a um, até à cerca. É aí que são tosquiados.



«A lã é usada para fabricar roupa e tapetes», explica o tio Chico. As ovelhas e os carneiros estão completamente carecas. «Ficam mais frescos assim e são menos picados pelos insetos. E a lã volta a crescer a tempo de os aquecer no Inverno».



De regresso à quinta, andorinhas azuis-escuras entram e saem do celeiro. «Fazem os ninhos lá dentro com lama retirada da margem do rio. As andorinhas andam a apanhar insetos para alimentar os filhos», explica o pai ao Nicolau.

No telhado do celeiro há outro ninho — muito maior. É um monte de ramos e galhos e pertence a uma família de cegonhas. «Diz que dá sorte ter um ninho de cegonha no telhado», diz a Ema.

«Sabes», explica o pai do Nicolau, «o campo pertence a todos nós. Os agricultores e as famílias criam os animais e cultivam os alimentos que nós consumimos. Mas também há as aves, como as andorinhas e as cegonhas, que vivem aqui. Isto para não falar nas pessoas como nós, vindas da cidade, que visitam o campo para passar férias, para passear ou para fazer piqueniques».





Na manhã seguinte, o tio Chico sai cedo com a sua ceifeira-debulhadora — acompanhado de alguns trabalhadores agrícolas em tratores e reboques. Esta é a época do ano mais importante, em que se faz a colheita das principais culturas. Vão trabalhar todos os dias, já depois do cair da noite, para apanhar todo o produto dos campos.



Chove levemente, um simples chuvisco passageiro de Verão. Quando para, forma-se no céu um arco-íris colorido. «Os meus amigos da escola disseram-me que, ao fundo do arco-íris, há um pote de ouro», exclama o Nicolau. «Mas é difícil apanhá-lo».

«Vamos tentar encontrá-lo», diz a Ema. «Podemos ir de bicicleta». Pega em duas bicicletas da garagem e partem a caminho do arco-íris. A Faísca corre a seu lado. Ladra divertida. «O que vamos fazer ao ouro, se o encontrarmos?», pergunta o Nicolau.

Pedalam durante um certo tempo. Mas, em vez de se aproximar, o arco-íris parece afastar-se cada vez mais. Chegam ao campo onde o tio Chico e os outros homens estão a trabalhar. «Onde é que vocês vão?», pergunta. «Estamos a tentar chegar ao fundo do arco-íris para apanhar o pote de ouro», explica-lhe o Nicolau.



O tio Chico solta uma enorme risada.
«O arco-íris forma-se devido ao reflexo do sol nos pingos da chuva. E desaparece quando nos aproximamos dele», diz o tio Chico. «Se não houver arco-íris quando chegarem, também não haverá ouro».

«Mas reparem no vosso arco-íris. Parece acabar no meio daquele campo de trigo dourado. É o vosso ouro ao fundo do arco-íris», exclama o tio Chico com uma risada.

Inclina-se da sua ceifeira-debulhadora e explica. «Embora não seja precioso como o ouro, o trigo tem igualmente muito valor», afirma.

«É com ele que se faz o pão», diz o Nicolau. «E massa também», exclama a Ema.





As férias estão a chegar ao fim. São horas de partir. O Nicolau transporta um caixote de fruta e de hortaliça para levar para casa. Não consegue ver bem o caminho.

«Não vás por aí», grita a Ema. Tarde demais. O Nicolau pisou um ovo que uma galinha pusera perto do carro. Além disso, escorrega e senta-se em cima dele.

«Normalmente, as galinhas põem os ovos no galinheiro. Mas, às vezes, esquecem-se», diz a Ema.

Todos desatam a rir. O Nicolau muda de calças e lá vão eles para a estação. O Nicolau pede a Ema que lhe envie notícias da quinta quando ele regressar à cidade.



Umás semanas mais tarde, o Nicolau recebe um e-mail da Ema e dos pais — com algumas fotografias. E muitas notícias.

«O meu pai fez a colheita de todas as nossas culturas. Lavrou a terra em alguns dos nossos campos, preparando-os para a sementeira do próximo ano. Neste momento está ocupado com tarefas que não pode realizar noutras ocasiões. Hoje está a reparar um muro de pedra que caiu. Amanhã vai limpar uma valeta junto da estrada».

«Quando o inverno chegar, vai alimentar os animais e fazer projetos para o próximo ano. Diz que vai transformar uma das velhas casas da quinta numa residência de férias novinha em folha. Podes ser o primeiro hóspede quando estiver pronta no próximo verão».

O conteúdo da presente publicação tem carácter meramente informativo e não é juridicamente vinculativo.

COMO OBTER PUBLICAÇÕES DA UNIÃO EUROPEIA

Publicações gratuitas:

- um exemplar:
via EU Bookshop (<http://bookshop.europa.eu>);
- mais do que um exemplar/cartazes/mapas:
nas representações da União Europeia (http://ec.europa.eu/represent_pt.htm),
nas delegações em países fora da União Europeia (http://eeas.europa.eu/delegations/index_pt.htm), contactando a rede Europe Direct (http://europa.eu/europedirect/index_pt.htm) ou pelo telefone 00 800 6 7 8 9 10 11 (gratuito em toda a UE) (*).

(*). As informações prestadas são gratuitas, tal como a maior parte das chamadas, embora alguns operadores, cabinas telefónicas ou hotéis as possam cobrar.

Publicações pagas:

- via EU Bookshop (<http://bookshop.europa.eu>).

Assinaturas pagas:

- através de um dos agentes de vendas do Serviço das Publicações da União Europeia (http://publications.europa.eu/others/agents/index_pt.htm).

Sentado no comboio, Nicolau observa os campos e as árvores que desfilam pela janela. Estamos no início da primavera e, por entre as árvores nuas, consegue avistar, de vez em quando, o rio no fundo do vale. O Nicolau e os pais vão a caminho da quinta dos tios e da prima Ema...



Comissão Europeia
Direcção-Geral da Agricultura
e do Desenvolvimento Rural

<http://ec.europa.eu/agriculture/>



■ Serviço das Publicações

ISBN 978-92-79-37350-3



doi:10.2762/3817